

Anno 1°

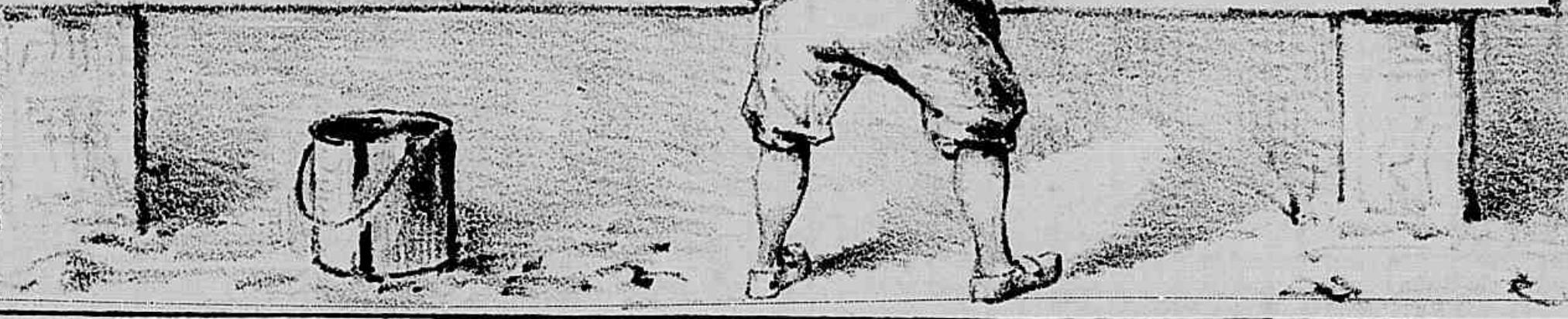
Rio de Janeiro

Nº 16

DON QUOXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE A
R do OUVIDOR 109

AGOSTINI.



Sancho Pansa. — O patrão está damnado com a mensagem do Prudente de Mairs. Eu cá, que não gosto de política, canto como na Mme Angot :
" Ce n'était pas la peine assurément
De changer de Gouvernement. "

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 20\$000	Anno..... 24\$000
Semestre.... 12\$000	Semestre.... 14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!)... que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difícil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 11 de Maio de 1895.

TOPICOS

Continua a discutir-se animadamente a parte da mensagem do Sr. presidente da Republica, referente á revolução do Rio Grande do Sul.

Que a palavra grave do governo sobre o caso momentoso soou e soará mal á maioria da Nação, prova-o... esse exultamento felino dos fetichistas do florianismo a desdobrar-se por ali em desmarcadas zumbaias ao Sr. Dr. Prudente de Moraes.

Fomos dos ingenuos que acreditaram na superioridade olympica de S. Ex. a sentimentos partidarios, predominantes em certa parcialidade politica, que teve sua razão de ser unicamente durante o afamado regimen do estado de sitio.

Chegamos mesmo a crer que o seu manifesto, ao assumir o alto posto que occupa, não passara de mero documento de politica oportunista, eivado como está de condenações violentas á revolta de Setembro e de apolo-
gias a quem soube resistir-lhe, umas e outras nem sempre justas e verdadeiras.

Vemos agora até que ponto nos enganamos.

Vemos que o Sr. Dr. Prudente de Moraes não sahio das raias traçadas nesse documento e continua a pensar de acordo e a contento do florianismo da gemma, que se estriba principalmente na razão possante da força...

Por mais que os chefes da revolução do Rio Grande do Sul, incluindo o Sr. Saldanha da Gama, tenham definido o caracter dessa lucta civil, dessa cruzada heroica e viril, que visa positivamente a reconquista da liberdade suprimida pelas armas fraticidas á maioria do glorioso estado, ha o empenho formal e premeditado de desvirtuar-lhe os intuítos, com

um fim que escapa á compreensão dos homens de boa fé.

Por muito que se imponha á veneração dos verdadeiros republicanos o honrado e legendario general Silva Tavares -- o chefe supremo da revolução -- ha o propósito deliberado de se lhe manchar as barbas brancas -- tão respeitaveis como as que mais o forem -- com o tinte da suspeita, como se o bravo ancião não fosse um documento vivo de intransigencia republicana!

Nós protestamos contra isso, em nome da eterna verdade, que, afinal sobrenadará neste pantano politico, que tres annos de dictadura militar apodreceram.

Protestamos contra essa parvoice insignie, que visa, inutilmente, enxovalhar uma revolução de origem insuspeita, já moralmente vitoriosa, porque tendo por escopo derrubar a tyrannia do castilhismo, obrigou-a a pedir o amparo do braço forte da União, sem o qual estaria sepultada, ha muito, na valla commun das causas perdidas.

Protestamos, enfim, em nome de todas as consciencias honestas do paiz, contra o veso que se tem generalizado de asfixiar-se a mascara caricata da restauração aos movimentos de protesto, que soem levantar-se para defesa da lei viola-la e dos direitos conculgados.

A parte da mensagem presidencial, que, sob um ponto de vista tão estreito e com rematada hypocrisia, aborda a questão do Rio Grande do Sul, causou-nos, pois, profunda tristeza.

Convencemo-nos de que o nosso caracter politico tem realmente baixado muito na escala dos sentimentos de justica e de humanidade que nos definia de um modo tão sympathico perante o mundo civilizado.

O chauvinismo republicano, conhecido entre nós pelo nome de florianismo, tem avassalado e pervertido temperamentos politicos, que julgavamos a cavalleiro das suas emanacões letaes.

Procura-se com inaudita inepcia metter a Republica em uma atmosphera de intolerancia de que ella é a primeira victim, porque, assim como a nossa possante flora não admite o regimen atrophiante da estufa, assim tambem a instituição republicana não pode aqui medrar fechada n'um circulo de bayonetas ou nas ambições politicas de uma fraccão do Brazil...

Esse trecho da mensagem, que devia ser, que se esperava que fosse, o Iris largo e resplandecente da paz neste diluvio de sangue brasileiro -- sahio-nos mesquinho e sombrio, nas suas proporções de mote de guerra fraticida, em nome dos despeitos de um partidarismo ferrenho.

Diante delle, accodem-nos, a refutalo, as palavras pronunciadas pelo Sr. Dr. Prudente de Moraes, em resposta á commissão do meeting de aplauso pela terminação da questão das Missões, palavras com as quaes terminamos estes topicos:

«Agora, concidadãos, quando a nossa alma de patriotas se ergue à altura de semelhante

triumph, é preciso que nós, que ocupamos um dos mais vastos e mais ricos paizes do mundo, nós que vivemos no continente da democracia e da liberdade, façamos esforço collectivo e nobre para que no meio de tanta grandeza só não seja pequeno o homem.»

A MENSAGEM

Outra, o nosso presidente
Ao parlamento não manda,
Que ponha assim toda a gente
De cara á banda.

Gavroche.

Por ver que até o Prudente
Da guerra adepto se aíz,
Ficou Gavroche contente
E o seu O Paiz.

Cabrión.

PELA JUSTIÇA

Ainda bem que no seio do Congresso Nacional já soaram vozes de justica.

A primeira foi a do deputado Serzedello Corrêa, que requereu informações sobre o modo porque o poder executivo tem cumprido o artigo 10 da lei n. 695 que creou o montepio do ministerio da guerra e as disposições conge-
neres dos montepios dos outros ministerios em relação aos officiaes e funcionários publicos presos desterrados, em virtude de sentença ou sem ella, e fuzilados.

Solicitou mais o illustre deputado que lhe informassem se ainda está em vigor o tremendo aviso que exclue do montepio os empregados demittidos arbitrariamente com a celebre nota (que bem se pôde chamar falsa) de traidores à republica.

São, portanto, duas questões importantes, sobre as quaes o governo deve dar esclarecimentos... claros.

O popular e illustre representante do 4º distrito fundamentou o seu requerimento com um brilhante e conceituoso discurso, que accentuou desde logo a esperada feição do seu mandato e poz a pedra no sapato da morcegada do estado de sitio.

A segunda voz foi, no senado, a do honrado militar barão do Ladario.

S. Ex. apresentou doulos projectos: um cujo fim principal é facilitar ás viúvas e orphãos dos fuzilados a prova da viuvez e da orphandade; outro, pedindo a amnistia para todos os brasileiros civis que directa ou indirectamente tomaram parte na revolta de 6 de Setembro.

Verdadeiramente notável pela eloquencia da franqueza foi o discurso com que o respeitado senador fundamentou os seus projectos.

A critica acerada que desenvolveu levantou no recinto rajadas de apoio e de oposição, que se cruzaram em apartes violentos.

O velho marinheiro não perdeu, porém, o rumo e disse mu-to bem tudo quanto lhe approuve dizer.

Quanto ao projecto de amnistia apresentado pelo nobre senador, julgamol-o francamente incompleto, por exceptuar os militares de terra e mar implicados na revolução de setembro.

Em um paiz onde o militar é só o que deve ser, comprehende-se que a disciplina offendida reclame formalidades de processo antes de se pensar em amnistia.

O Brazil, porém, inaugurou a republica com o militarismo; deu ao militar o exercicio de cargos puramente civis; fez-o politico militante, tão bom ou melhor que qualquer cidadão paizano.

Foi e é um mal, um grande mal, a origem de todos os nossos males, como alias o reconheceu e disse o Sr. contra almirante Costa Azevedo.

Mas o que esse mal está a pedir é um grande remedio e este não consiste em prolongar barbaramente o exilio a que estão con-

demnados os que tomaram parte numa revolução que combateu de facto o militarismo. Revejam as leis e reformen-nas, restringindo o papel do militar ao desempenho da sua mais nobre missão que certamente não é — fazer política.

Ha ainda outro ponto a considerar:

A mór parte das famílias dos militares exiliados estão por ahi a soffrer duríssimas necessidades, privações atrozes, vivendo uma vida dolorosa pela saudade e pelo temor de que os chefes ausentes e sem recursos, lejam arrastados a actos desesperados.

Ora, se a viuvez e a orphandade merecem a compaixão do illustre senador, é justo que esse nobre sentimento seja ampliado até essas outras victimas indirectas da... política.

Se aquellas pretende-se acudir com o auxilio dos montepíos, acuda-se a estas com a restituçao dignificada dos seus naturaes protectores.

Eis porque dissemos que o projecto do Sr. barão do Ladario está incompleto.

Sim! Amnistie-se!

Não com a avareza sordida do fraco, mas com a prodigalidade do forte.

Mesmo porque, uma amnistia geral terá pelo menos a vantagem de tornar menos repugnante a nodoa de sangue com que, mais ignobil que o punhal do sicario, a Manulicher da legalidade manchou o manto estrellado da Republica...

ROCHEFORT.

ASSIM, ASSIM

E

ASSIM!

Quando o Major dominava
A todos pelo terror,
Pois que o Thesouro guardava
Tendo da força o favor,

Todos, se bem que occultando
O seu modo de sentir,
O jugo feroz, nefando
Desejavam sacudir.

Por isso, quando investido
Por soberana eleição,
Foi o Prudente escolhido
Para Chefe da Nação,

Todos, nelle pondo o culto
Da fé que n'alma accendeu,
Lhe deram tamanho vulto
Que um gigante pareceu!

Mas logo, em seu Manifesto,
O Povo, vendo-o louvar
O despotismo funesto
Que acabava de reinar,

Com pezar, vio-lhe a figura
Gigantesca diminuir,
E á mediana estatura
De um « vulgar » se reduzir.

E, não obstante, cercal-o
Do seu apoio inda quiz
Para com elle animal-o
A dar a Paz ao paiz.

Vendo-o, porem, na Mensagem,
Que acaba de publicar,
A' feroz politicagem
O mesmo culto prestar,

Já o contempla tão chato,
Tão pequeno, tão pigmeu,
Que se convence que um gato
Por uma lebre comeu.

SANCHO PANSA.

TAGARELICES

Eu desejava possuir neste momento um porta-voz monstro com a força repercutiva de um volume e de uma extensão tal que fizesse ouvido o meu protesto desde Amazonas ao Prata por todos os habitantes desta vasta Republica.

Ouçam, pois, todos quantos este publico *D. Quixote* lerem que, como republicano, (que não exerce nem aspira exercer função alguma retribuida pelos cofres publicos) protesto contra a infracção constitucional perpetrada pelo governador do Estado de Alagoas e complicada pelo Chefe da Nação, Dr. Prudente de Moraes. O artigo 72 § 2º da Constituição da Republica determina o seguinte:

« A Republica não admite privilégios de nascimento, desconhece fóros de nobreza e extingue as ordens honorificas existentes e todas as suas prerrogativas e regalias, bem como os TITULOS NOBILIARCHICOS E DE CONSELHO. »

Ora, em vista do que ahi está terminantemente estabelecido, o cidadão que desobedece a esse preceito constitucional usando teimosamente o seu titulo de Barão de Traipú, não pôde exercer função alguma oficial.

O Presidente da Republica, como Chefe supremo da Nação, devendo ser o primeiro a dar exemplo de respeito á Lei, não pôde aceitar comunicações officiaes subscriptas por titulos nobiliarchicos e ainda menos respondel-as com o mesmo titulo.

Chamô, pois, para subscreverem o meu protesto, todos os cidadãos republicanos, sem exclusão dos proprios irrreplicanicos castilhistas e jacobinos.

O Sr. Barão de Traipú não pôde ser Barão e autoridade republicana ao mesmo tempo.

Quem dá tão ostensivo testemunho de mensespreço á Lei não pôde ocupar a função de fiel executor da mesma.

Ou ópa, ou aevental, como diziam os bispos na questão clero-maconica.

Vá, Sr. Governador de Maceió! largue o governo ou a ópa... quero dizer, o titulo de barão.

Vá, Sr. Prudente de Moraes! Ou bem que *semos* ou que não *semos*, republicanos.

Quando se quer ser Catão, é preciso sel-o de veras.

E o inverso disto é... um anagramma deastrado pela inversão das syllabas.

Responder-me-ha alguém a este protesto que *de minimis non curat Pretor*.

E eu replicarei que, não é com essas!

Para se fazer saltar uma rocha basta fazer-se-lhe um furo e lançar n'elle um pouco de dynamite.

Tão gatuno é o que bate um nickel como o que *bifa* uma peça de ouro.

De mais, desde que a Constituição cogitou desse objecto, ninharia ou não, o uso de titulos oficialmente, importa uma violação constitucional, que se torna ainda mais escandalosa quando commettida pelo chefe da Nação.

Nesta, como em todas as determinações da Lei, eu, apesar de ser simplesmente republicano com um R, sou intransigente!

Lei é Lei, e fóra della só admito (quando não possa ser dentro della) a intervenção do poder central nos negócios dos Estados para manter a razão e a justiça, que são a ordem e a paz, quando estas forem perturbadas *seja por quem for*.

O bem commun acima de tudo.

E a propósito disto, não hesito em declarar que, como cidadão pacífico, disposto a apoiar o governo civil do Dr. Prudente de Moraes, sou um dos innumeros desapontados com o topico da sua mensagem, referente á guerra civil do Rio Grande.

Realmente, quando eu supunha que acima de interesses partidarios, o Sr. Prudente de Moraes collocasse a vida dos seus concidadãos, as finanças do Estado e o credito da Nação, vem o Presidente da Republica, afirmando pela estafada sanfona do Sr. Castilhos e seus partidarios, dizer que a paz só se deve fazer pela submissão dos rebeldes ás autoridades constituidas!

Se isto não quer dizer que a guerra civil deve continuar com os mesmos ou maiores sacrifícios da união até violentar os rebeldes a submeterem-se á autoridade despotica dos algozes da sua liberdade e da vida de muitos dos seus irmãos, então é simplesmente uma banalidade digna de lastima.

Para deporem voluntariamente as armas e submeterem-se ás autoridades que os opprimiam, não ha necessidade de pacificação; basta só que elles capitulem.

E neste caso esses bons desejos de paz que a mensagem entoa perdem toda a significação humanitaria e patriótica para significarem somente o egoístico desejo do triumpho sobre os adversarios que pugnam heroicamente pelos direitos de que os priva um partidário nefasto, que não hesita ante o derramamento de sangue, a devastação do solo sagrado da patria e a ruina da Nação!

Lamento sinceramente que o Sr. Dr. Prudente de Moraes abrisse assim mão do ensejo que a situação do Rio Grande do Sul lhe deparou de adquirir um valioso titulo á gratidão presente e futura de todos os bons brasileiros e ao aplauso universal, para se submeter docilmente á imposição de um partido do qual, segundo a affirmation d'*O Paiz*, é *S. Ex. dele-gado*, alienando nessa especie de suicídio político a confiança e a boa vontade de todos os que sinceramente anhelam a paz pelo congregamento de todos os brasileiros, e que, em qualquer emergencia difícil o cercariam com patriótico entusiasmo para o sustentarem.

Desgraçadamente tudo estremece ante essa passividade politica que o Presidente da Republica deixa transparecer naquelle topico da sua mensagem, e oxalá que o Sr. General Glicério não venha, como Saturno, a devorar o seu proprio filho.

MESTRE NICOLAU.

!!!

Ora ahi está no que vem a dar a sapiencia jurídica exercitada em traduções de romances, em criticas litterarias e em fantasias poéticas!

Uma soldadesca ignara ao mando de um reguló militar, invade um bello dia, á hora matinal, o lar de um cidadão que, sem resistencia se dá por preso; mata-lhe dous filhos que, desarmados, procuram defendel-o...

E a estes covardes assassinatos, um ministro do Supremo Tribunal Federal qualifica de — HOMICIDIOS LEGAES!...

Ora, Sr. Dr. Lucio de Mendonça! Com certeza a bella aptidão litteraria, que tão merecidamente o tem recommendado, fazia muito melhor figura no manejo prosaico do papellorio burocratico do que nos julgamentos do Supremo Tribunal.

Pelo amor de Deus, não se suicide!

SOBERANIA DA ROÇA

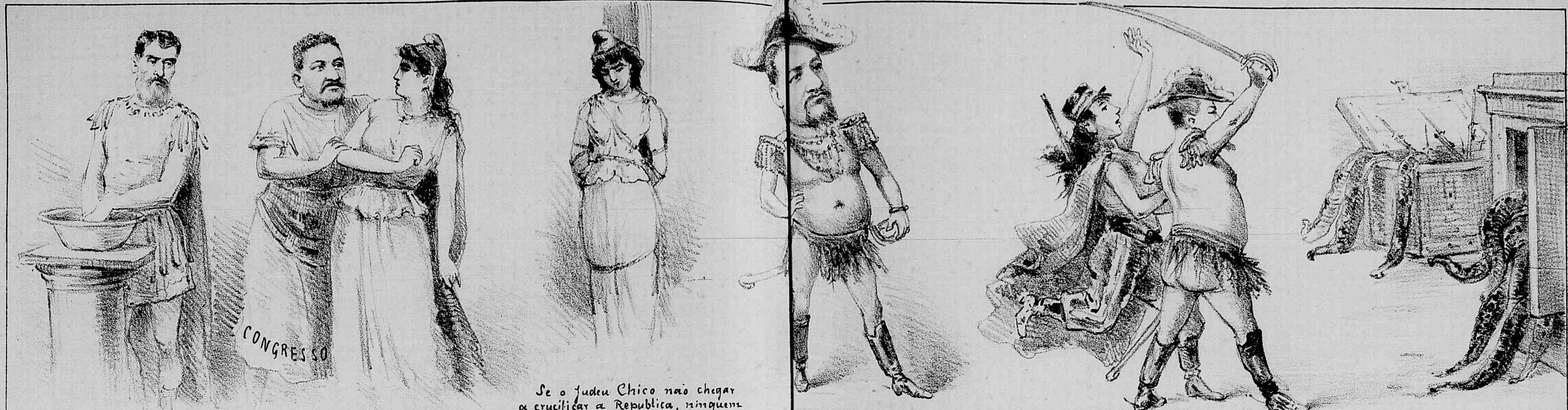
E' dia de eleição. O soberano
Povo eleger vae seus delegados;
Uns a pé, outros bem ou mal montados,
Os eletores vão chegando. Ufano

O chefe do partido estadoano,
Que eleitos sejam quer seus designados,
Vae-lhes pondo um cabresto de guisados,
Queijo, cerveja e vinho zurrapano.

Faz-se a chamada, e cada qual mettendo
Vae na urna o papel, que recebera
De quem a pança alli lhe esteve enchendo.

E se algum d'elles declarar quizera
Em quem votou—os nomes nem sabendo—
Ninguem diria a quem seu voto dera!

C. L.



— Sabe que mais, Chico, toma conta d'ella, que en son homen pacato e não estou para massadas. Lavo as mãos como Pilatos.

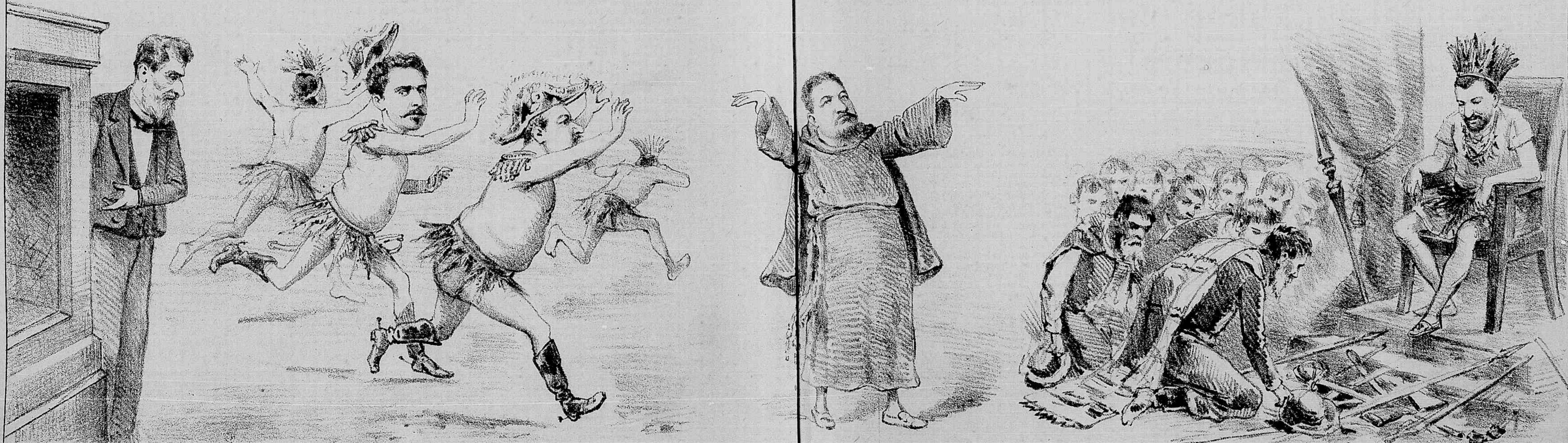
Se o Judeu Chico não chegar a crucificar a Republica, ninguém duvida de que elle e o seu partido judiarão com ella.

Coitada! De quantos actos de selvagens já não foi vítima!...

— Que me importa que me chamem selvagem? Logo que sou general, não posso pensar sendo em guerra, custe o que custar.

— Portanto, Viva a Prrrepublica jacobina, sedenta de sangue e de dinheiro, sobretudo!

E assim continuará os sanguessugas da Querra a sugar os cofres da nação, enc arrimamentos, fortificamentos, etc etc ...



Até que um dia, bem proximo, diante do Thesouro vazio, os partidarios da Querra, em lugar de pretenderem bater os gauchos, baterão a linda plumagem.

e serão os primeiros a pregar a paz a ordem

sem que seja necessário, como exigem hoje, que os briosos e heroicos gauchos deponham as armas e se prostrem diante do omnipotente cacique Castilhos.

SOCIEDADE ELEGANTE

Para commemorar o seu quinto anniversario, realisou o *Club Americano*, na noite de 4 do corrente, um esplendido baile á fantasia, ao qual affluiram numerosos convivas,—socios e convidados—grande parte delles em elegantes e vistosos costumes, o que deu a essa festa um aspecto deslumbrante e deleitável.

Os salões da casa do Sr. commendador Nascimento Silva, onde se effectuou o baile, estavam ornamentados com apurado gosto artístico, trabalho esse de que brilhantemente se desempenharam as distintas socias do mesmo Club que gentilmente delle se incumbiram.

De entre as muitas e ricas fantasias que tanto embellesaram esta festa, referiremos as seguintes:

Bandeira Americana, Mme. Pereira Flores que mimoseou os representantes da imprensa com um lindo cartão inscrevendo uma quadra, contendo o que nos foi offertado a seguinte:

Eu sou a linda bandeira,
Do paiz da Liberdade;
Vinho trazer-vos—Progresso.
Muita paz, muita amizade.

Arlequinette, Mlle. Marieta Gonçalves, muito graciosa.

Fama, Mlle. Jujú Gonçalves—uma fantasia luxuosa e de apurado gosto;

Pescadora napolitana, Mlle. Eponina Bastos—faceira e gentil;

Bohemia, Mlle. Adalgisa Bastos—uma travessa e espirituosa bohemia, ás direitas;

Fra Diavoletta, Mlle. Julieta Nascimento—mais angelica que diabolica;

Gitana, Mlle. Margarida Machado;

Diavoletta, Mlle. America Machado;

Noite estrellada, Mlle. Alice Porto—linda e poetica;

Amor Perfeito, Mlle. Theresina Moraes—chic.

A. B. C., Mlle. Lydia Costa;
Pierrette, Mlle. Cecilia Costa;

Cerisette, Mlle. Jenny Costa.

Estas tres gentis irmãs Costa tiveram a amabilidade de nos obsequiarem com tres cartões de comprimento gravados a ponta de canivete.

Além destas que designamos, muitas outras vistosas fantasias embellesavam os salões.

Em sala reservada especialmente para isso, foi gentilmente offerecida pela digna Directoria uma taça de champagne aos representantes da imprensa e representantes de sociedades congeneres, brindando em nome da Directoria o Dr. Theophilo Torres á imprensa e ás sociidades alli representadas, no que foi devidamente correspondido e retribuido pelos respectivos representantes.

Em seguida foram distribuidos aos representantes da imprensa ricas fitas de *moire* com franjas douradas, tendo cada uma o titulo respectivo em caracteres perfeitamente identicos aos do seu jornal.

A nossa é de côncreto com caracteres iguaes aos que estavam na taboleta que o Russo do nosso Sancho Pansa destruiu por desforço da sova que levou.

Todas estas fitas são trabalho da socia do *Club Americano* Mlle. Alice Porto, que na execução do mesmo revelou apreciavel aptidão, pelo que a felicitamos.

O serviço do buffet foi profuso e completo, mostrando-se a digna Directoria em extremo gentil para com todos os socios e convidados.

As danças prolongaram-se até ao alvorecer, tendo durante todo o baile tocado uma excelente banda de musica militar.

Felicitando o *Club Americano* pela festa magnifica com que solemnisou o seu 5º anniversario, aqui lhe endereçamos o nosso agradecimento pela amabilidade que nos dispensou.

EGO.

FERROADAS

Não sei se o meu abalizado collega *Sansão Carrasco* me perdoará a ousadia de fazer aqui um pedido ao correcto e espirituoso escriptor Arthur Azevedo.

Assisti á primeira da revista *O Major* e tive do trabalho do laureado comedigrapho uma bellissima impressão.

É uma revista muito bem feita, e a critica politica que desenvolve está suficientemente discreta e pilherica, para não offendre suscetibilidades de opiniões.

Ha, entretanto, a phrase final do 1º acto, que destoa da afinação geral, se assim me posso exprimir.

E a do Anjo da Paz, se me não falha a memoria, que vem deitar agua fria na fervura da discussão, affirmando cathegoricamente:—*Enganam-se! Os revoltosos acabam de fugir diante da esquadra legal!* (Salvo erro ou omissão.)

Ora, essa phrase, além de ser quasi insultuosa, é de uma inverdade historica, que espanta!

Dahi o meu pedido ao Arthur:—Suprima a péta, que o seu *Major* não diminuirá de valor!

Já que fallei em inverdades, não deixarei passar sem a minha ferroada a que existe na mensagem presidencial, acoimando de suspeita á Republica a revolução do Rio Grande.

Francamente, senhores: para se repetir ballelas deste jaez não valia a pena fallarmos em pacificação.

Ou eu não sei onde tenho o nariz, ou este prurido de se fallar em « restauração » é uma especie de *conto do vigario* com que a rabulice partidaria pretende continuar a engazopar o Thesouro.

O caso da mensagem veio mais uma vez revelar a sensibilidade de *mister cambio*.

Porque eu digo sensibilidade, não pensem que me refiro á instabilidade material do legendario inglez: refiro-me a qualidades moraes, á sensibilidade do seu coração.

O cambio foi talvez a primeira entidade a dar mostras da sua desaprovação á parte da mensagem que se refere ao Rio Grande:—baixou um ponto em signal de pezar.

Não te saúdo, oh! cambio dos nossos peccados, embora mostrasses possuir um coração de ouro!

Não te saúdo, porque a baixa que operaste, pela tristeza que sentiste, vai-me sahindo muito cara!

E não é com tristezas que se pagam dívidas...

Que o digam os Srs. intendentes que, muito sensatamente, elevaram a um conto os magros quinhentos mil réis mensaes dos seus honrarios.

Fizeram muito bem e o Sr. Prefeito ainda fez melhor, mandando pagar-lhes o continho de réis, independentemente de autorisação legal, segundo a denuncia feita ao Supremo Tribunal pelo directorio de um dos partidos do 2º districto.

Pura inveja dos denunciantes!

Isto de *legalidade* em se tratando de taes ninharias é ninharia muito maior.

Nada! Pague-se bem a quem trabalha.

Exija-se apenas que o trabalho seja limpo e de verdade, uma vez que o dinheirinho não é sujo nem falso...

Na Camara dos Deputados vai accessa a peleja pela divergência entre maioria e minoria na eleição da mesa.

Aquella entende que o Sr. Rosa é uma flor e esta concorda com isso, mas acha que os espinhos da silva que liga o Sr. Rosa ao Sr. Barbosa Lima, além de duros de engulir, são picantes de mais.

A propósito, o Sr. Zama deitou a mão cheias o tempore do seu conhecido *sal da oportunidade*, de sorte que a discussão do dia 9 esteve já muito salgada.

O Sr. general Glycerio da maioria, *xingou* a valer os eletores do Sr. Serzedello e mostrou que trazia na ponta da lingua a politica da mensagem, a respeito da pacificação.

Mas o que mais me deu no góto, foi sua Ex. accentuar e ampliar o que o *Paiz* já escrevera:—que o presidente da republica representa... o partido que o elegeu!

O caso não é para um *tableau*! e sim para fazer uma pergunta, muito humildemente:

— Quando haverá presidente, que representa... a Nação?

Naturalmente, quando a Nação fôr do partido do Sr. general Glycerio...

Acabo de ler o seguinte:

« Foram lidas no senado as informações enviadas pelos commandantes dos 2º, 3º, 4º, 5º e 6º districtos militares, a requerimento do Sr. barão do Ladario; affirmam não ter-se dado nos districtos por elles commandados um só fuzilamento, »

— Mas quem é que duvidou da veracidade da affirmação?

Quem supoz que se tivessem dado fuzilamentos no Paraná e Santa Catharina, sem contar os outros districtos?

O fuzilamento suppôe a existencia de um processo, ainda que sumario.

Existem esses processos?

Se não existem, são profundamente verdadeiras as informações prestadas ao senado, que, pela voz do Sr. Ladario, pedia informações sobre os fuzilamentos.

O que houve foram assassinatos.

O caso da resposta foi o da pergunta e...

— Viva a Republica!

Rrrrrr! — rrrrr! — rrrr! — rrrrr!

— Sentido!

Passa o general da maioria, que vac aguentar o repuxo na Camara.

Rrrrrr! rrrrr! rrrrr! rrrrr!

Pum! Pum!

PERNILONGO.

CLUB DOS FENIANOS

Esteve animadissimo o baile que os hilariantes Fenianos realizaram no sabbado proximo passado.

Foi numerosa a affluencia de elegantes deidades libertinas e enorme o entusiasmo dos foliões amantes d'aqueles saráos estupefacientes.

A amavel Directoria, já se sabe, foi, como sempre... chapa n. 1 na ordem laudatoria.

Dançou-se até o amanhecer.

CARDENIO.

GRACIAS

O laborioso e intelligente industrial Sr. Fernando Alves de Souza Alão, acaba de obter da Inspectoría de Hygiene e Assistencia Pública, após a competente analyse, a approvação de uma deliciosa bebeda por elle preparada de laranjas amargas, que é ao mesmo tempo um bom antidoto contra o frio e a falta de appetite.

Na quadra friorenta e humida que vamos atravessar, o producto do Sr. Alão vem muito a propósito.

Para quem não ignora que a maior parte das bebedas importadas do estrangeiro são preparadas com alcool extrahido de certos cereais e até de madeiras, e, consequentemente nocivas, julgamos desnecessario recommendar a preferencia das bebedas nacionaes, todas, sem excepção, preparadas com alcool obtido da canna de assucar e de excellentes fructas sacarinhas, que possuimos.

A *Alcoolina de laranjas amargas*, preparada pelo Sr. Alão está no caso de suprir com grande vantagem para a saude, qualquer cognac das melhores marcas que importamos.

Da prova que fizemos, da amostra com que nos obsequiou colhemos a confiança com que o recommendamos.

Usem, pois, a *Alcoolina de Alão*, e aceite este o nosso agradecimento pelo presente que nos fez.

CABALLERO DE GRACIA.

THEATROS

Não julguem os que têm lido o que aqui tenho escripto systematicamente contra esse genero de peças theatraes que, de alguns annos para cá, tem sido em *todos* os nos theatros o *único* genero em exhibição, estragando o gosto e o carácter ao mesmo tempo dos actores e do publico, e banindo da scena o drama e a comédia litteraria e moralisadora, não julguem, digo, que sou infenso a esse genero especial de critica em acção chamado — *Revista*.

Eu aceito de muito bom grado, e até aprecio devidamente as revistas de anno, como analyses críticas dos factos ocorridos que mais possam influir na vida social da população em que elles sucedem.

Bem architectadas e escriptas com espirito verdadeiramente crítico, dirigido por um criterio de justiça bem orientado, as revistas podem ser boas obras d'arte muito apreciaveis e uteis.

Nestas condições, porém, não é facil a qualquer fazer uma revista.

Enleixar factos mais ou menos importantes em aggrupamentos desconexos dos personagens symbolicos ou verdadeiros, usando de linguagem chula, por demais fresca e pouco limpia, para provocar a gargalhada alvar da platéa basbaque; sem espirito de analyse critica ou humoristica a dirigir a razão; mas concentrando todo o seu mérito em deslumbramentos de scenarios e vestuarios requintados por desnudamentos de fórmulas mulheris a remexerem-se em reboleios choreographicos de baixa escola fandanga, a escandecer os sentidos e escandalizar a moral, eis o que uns pretensos revisteiros engendram, e a sordida cobiça de uns emprezarios tendeiros ensenam com o nome de *Revistas*!

Destas pachuchadas comicas sem arte, sem critica e sem decoro, livre-nos Deus e a polícia a bem da moralidade publica e do bom gosto que deve caracterisar uma sociedade polida.

Com o titulo de *O Major*, está se representando desde 3 do corrente no theatro Apollo uma Revista do bem cunhado escriptor Arthur Azevedo.

Fui vel-a na primeira representação e não reputo mal empregada a atenção com que a apreciei desde o prologo até ao ultimo quadro.

Conheço o talento e a aptidão do autor para obras desse genero, como não desconheço o seu modo de pensar e de sentir em relação aos factos que mais influiram na nossa vida social durante o anno que serve de assumpto a essa *Revista*.

Parecia-me por demais escabroso o trabalho de uma *Revista* analyticas dos acontecimentos desse anno, e, o proprio titulo de *O Major* me fez receiar um insucesso para o bem acreditado escriptor.

Felizmente para mim, para elle e para o publico, tal não aconteceu.

Um bom senso admiravel presidio á elaboração d'*O Major*, e eu e o publico sahimos satisfeitos do theatro depois de havermos merecidamente aplaudido o autor.

A despeito do modo de pensar e de sentir de que falei, Arthur Azevedo, com uma habilidade e criterio nada communs, conseguiu encadear em uma analyse discreta e cheia de bom humor, os factos principaes do anno passado, formando uma bella série de quadros cada qual mais agradavel.

O Major não tem, como a *Cocota*, uma acção esqueletica á qual se vão annexando naturalmente os factos que são objecto da Revista, formando um conjunto artistico e conexo.

A acção oriunda do prologo, (o mais artístico e o mais bello dos quadros) que se estende até ao fim na disputa entre a *Politicagem* e a *Paz*, é por demais singela para constituir o tronco principal do agrupamento dos factos, que n'elle se vão ramificando.

Em compensação, porém, ha em todo o correr da peça exposição muito boa, espirito delicado (salvo o da dor dos joelhos, que é uma pilheria salgada de mais) e, sobre tudo, critica

muito picante, principalmente a do Cassino, que é cruel, posto que merecida.

E, como qualidade excellente para recomendar *O Major* á boa aceitação da gente seria, ha ainda um louvavel commedimento de danças frescateiras, cousa de que já se faz um abuso intoleravel.

Não será para admirar que, por causa desta e de outras boas qualidades, que possue, a *Revista* de que trato deixe de fazer a carreira lucrativa que outras têm feito, attenta a perversão do gosto a que chegou uma grande parte da população que mais frequenta o theatro. Se tal acontecer, será isso um facto abonador do mérito da excellente Revista, pois está evidenciado por frequentes exemplos que, quanto mais tola e indecente é uma peça, tanto maior entre nós é o seu sucesso.

A enscenação e a representação d'*O Major* nada deixam a desejar. Todos os artistas representaram bem os seus papeis, sendo Mattos muito feliz na reprodução do tipo de um *colossal* actor exotico, muito desengonçado, que faz as delícias da beocia espectadora dos theatros frascarios.

Composta em sua melhor parte de actores discretos e moralizados, não se dá na companhia do Apollo o abuso altamente reprehensivel que se dá em outras companhias: o da collaboração estupida de certos actores — muito sem cerimonia — nas peças que representam, chegando a desfigural-as de uma maneira escandalosa em detrimento do crédito dos autores e do respeito publico.

Estou certo, por isto, que a *Revista* de Arthur Azevedo será em todas as suas representações sempre a mesma que se exhibiu na primeira.

Por um imperdoável descuido de paginação o meu artigo do numero anterior a este foi desfaleado em um extenso periodo referente ao theatro *Recreio Dramatico*, e no qual tratava da companhia da graciosa artista Pepa Roiz, e do capricho com que ensenou o *Tim tim por tim tim*.

Da falta deste periodo resultou um certo desconchavo entre o primeiro e o segundo do dito artigo, como o leitor naturalmente havia de ter notado.

Sou adverso a erratas, tanto mais quando vêm oito dias depois, mas não posso dispensar-me de clamar contra aquelle *clamar* que, em vez de *flanar*, lá está no primeiro periodo a fazer tão triste figura.

Que ao menos este erro fique corrigido.

SANSÃO CARRASCO.

P. S. — Para aquelles que nunca leram a monumental obra de Miguel Cervantes, e por isso ignoram a razão de ser do pseudonymo que uso, declaro que Sansão Carrasco é um bacharel de Salamanca, que no *Don Quixote de la Mancha* representa um importante papel.

S. C.

O elegante collega *Gil Blas* muito gentilmente acudio a desfazer umas duvidas que tivemos e manifestamos, a respeito da sua orientação politica.

Gil Blas declara-se partidario da pacificação do Rio Grande do Sul e isto honra-o muito principalmente depois que a mensagem presidencial *dobrou a finados* em relação á guerra que esphacela o glorioso estado e os cofres do tesouro da União.

Gil Blas explica, porém, que quer a pacificação real e não pela deposição do Sr. Castilhos e a subida ao poder dos federalistas. Perfeitamente de acordo. Nós tambem somos pela pacificação real e esta não pode ser feita senão pela intervenção do governo federal em nome da constituição da republica, offendida pela constituição imposta pelo Sr. Castilho ao Rio Grande.

Realizada essa intervenção e nomeado um homem de bem, imparcial e energico, para presidir a uma eleição livre, far-se-hia a reforma da constituição estadoal, e, entretanto, voltariam a paz e a ordem ao seio da desolada familia rio-grandense... a menos que o castilhismo não quizesse fazer agua suja.

Dado este pequeno cavaco, aventure com

nosco o collega a hypothese da pacificação pela subida dos federalistas ao poder...

Suppõe *Gil Blas* que elles são homens para praticar no governo os crimes que o castilhismo tem praticado?

Duvide.

Elles que, como revolucionarios, têm dado exemplos de humanidade ás forças legaes, saberiam governar sem o facão degolador que é o symbolo mais expressivo do actual governo do Rio Grande.

A NOSSA MESA

A Cigarra — Desenhada com o aprimorado gosto artístico que individualiza o brilhante talento de Julião Machado, e escripta com a verve accentuadamente caracteristica de Olavo Bilac, apareceu-nos o 1º numero da elegante e espirituosa *Cigarra*.

Imagine-se o «Ah!...» e o «Oh!» exclamativos que as suas bellas paginas arrancaram á nossa admiração.

Que chic!

O Pequiry — N. 1. Um bellissimo periodico politico, litterario, muito bem impresso e muitissimo bem escripto que se publica em S. Pedro do Pequiry, no Estado de Minas Geraes.

Pode muito bem servir de modelo e até de orientador aos seus congeneres da Capital Federal.

Mecenas — N. 6. Outro periodico litterario que se publica em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, sob a direcção de Andrade Neves Neto.

Traz bons artigos sobre assumtos sociaes litterarios e bons versos.

Revue Medico-Chirurgicale do Brésil — N. 4. 3me année. Importantissima revista scientifica que se publica nesta Capital, em frances, sobre a illustrada direcção do distinto clinico Dr. A. Brissay,

Revista Maritima Brazileira — Anno XIV, n. 9. Importante, como sempre.

Banquet offert au Corps Diplomatique à Rio de Janeiro — Revoltoante opusculo escripto em frances, e publicado com a assignatura de Lutz Jacome de Souza Abreu.

A politica do assassinato — Uma pagina da historia pernambucana, pelo distinto deputado ao Congresso Federal Dr. J. Gonçalves Maia.

E um pequeno volume em que o autor condensa o que chamou «um incidente jornalístico» de uns dias, e compendia um trecho d'essa politica vermelha que constitui o assassinato um expediente de governo.

Revista geral dos trabalhos da construção da nova capital do Estado de Minas Geraes, publicação periodica, descriptiva e estatistica, feita com autorização do governo do Estado sobre a direcção do engenheiro chefe Dr. Aarão Reis.

Obra volumosa, de considerável importancia, contendo, além do indicado no seu frontispicio, excellentes photographias de retratos e paisagens, bem como mappas e plantas topographicas muitissimo apreciaveis.

Mensagem, apresentada ao Congresso Nacional em 3 de Maio de 1895 pelo Sr. Presidente da Republica, Dr. Prudente J. de Moraes Barros.

Relatorio e synopse — Dos trabalhos da Camara dos Srs. deputados relativos ao anno de 1894.

Convites:

Do Gremio Polymathico Bittencourt da Silva — Para o sarau dramatico commemorativo do seu 8º anniversario, no Lycée de Artes e Ofícios em a noite de 8 de outubro.

Gremio da Tijuca — Para a soiree de iniciativa oferecida á digno Directorio do mesmo, a realizar-se no dia 11 de outubro.

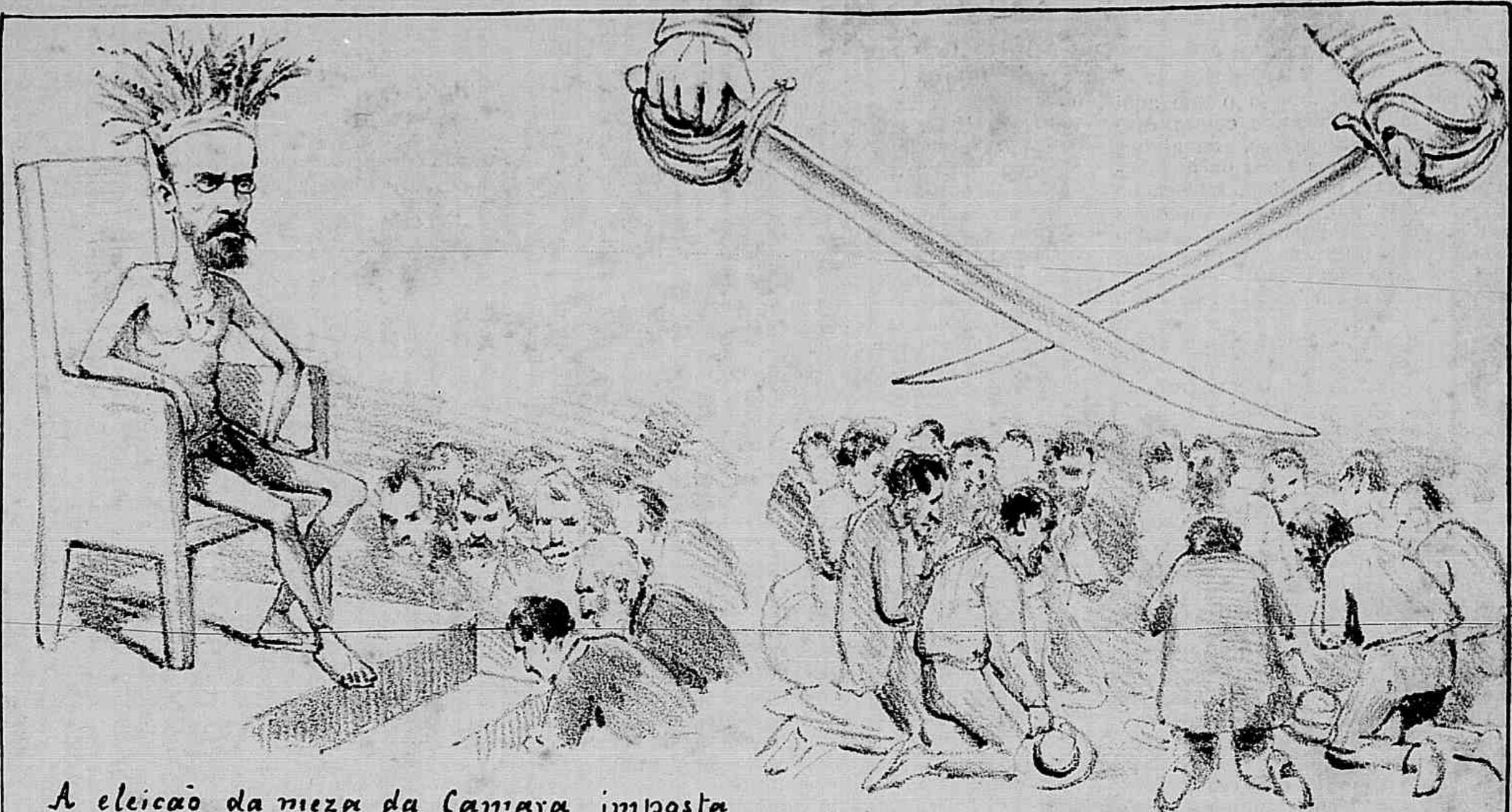
Jockey-Club — Para a corrida do dia 13 de outubro, no Prado Fluminense.

Musicas:

Saudosa — Valsa por Oscar Carneiro.

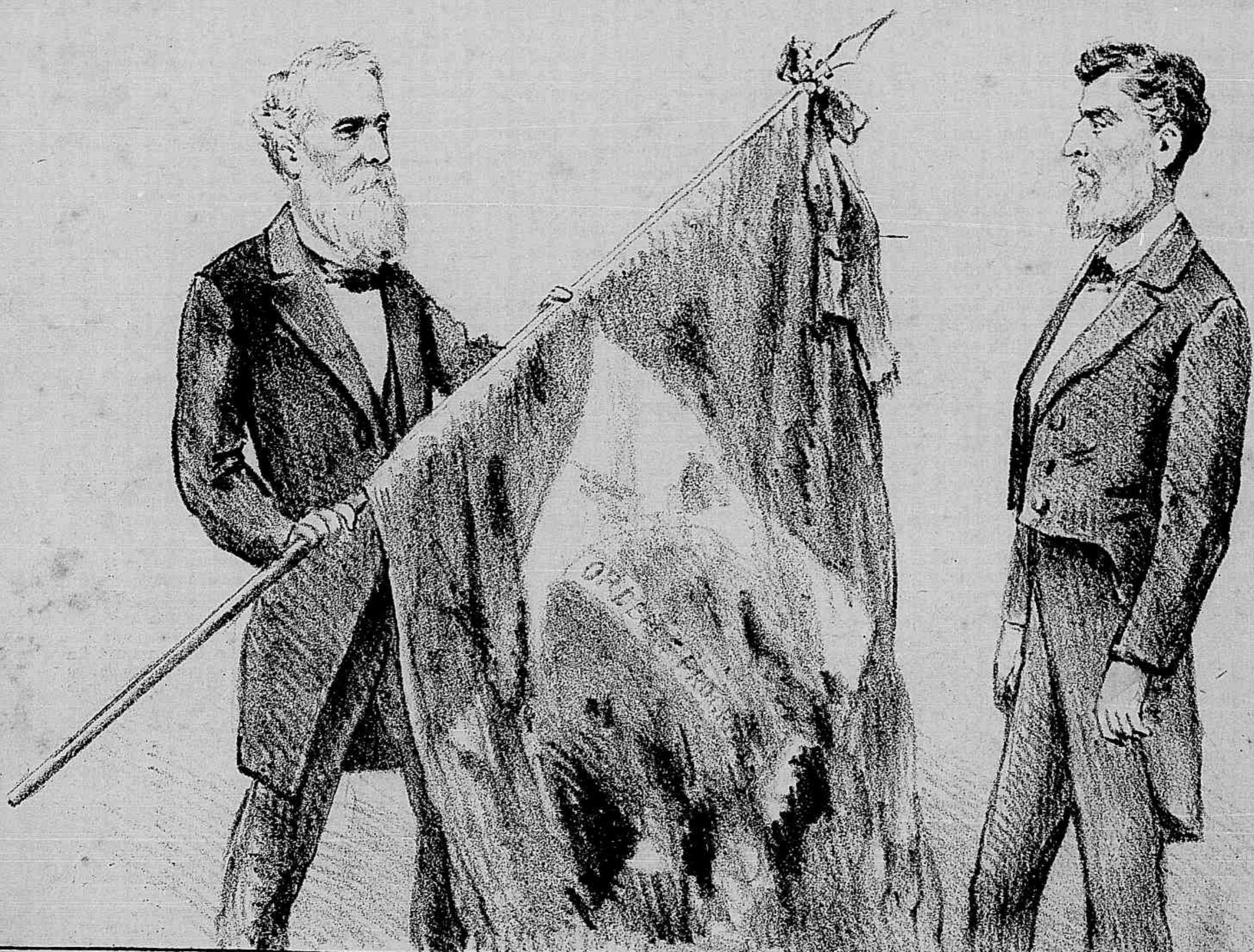
Pernambucana — Polka por Aurelio Cavalcanti. Duas lindas peças para piano editadas pela acreditada casa Vieira Machado & C. A todos agradecemos.

D. MESARIO.



A eleição da mesa da Câmara, imposta pelo Sr. Glycerio, veio provar que a maioria sustenta a política do cacique de Pernambuco. Curvem-se, portanto, o povo pernambucano às imposições do partido Glycerista

Curvem-se, também, os paranaenses e Calharinenses sob o jugo despótico da espada, e... Saudade e fraternidade!



O Sr. Senador Barão de Ladário, justamente indignado, reclama do Presidente da República que mande lavar as manchas de sangue da bandeira nacional nodoada em S. Calharina e no Paraná pelos delegados da legalidade.